

Felipe Santana Machado
Aloysio Souza de Moura
(Organizadores)

EDUCAÇÃO, MEIO AMBIENTE E TERRITÓRIO 2



 **Atena**
Editora
Ano 2019

Felipe Santana Machado
Aloysio Souza de Moura
(Organizadores)

Educação, Meio Ambiente e Território 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24	Educação, meio ambiente e território 2 [recurso eletrônico] / Organizadores Felipe Santana Machado, Aloysio Souza de Moura. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação, Meio Ambiente e Território; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-143-5 DOI 10.22533/at.ed.435192102 1. Divisões territoriais e administrativas 2. Educação ambiental. 3. Meio ambiente – Preservação. I. Machado, Felipe Santana. II. Moura, Aloysio Souza de. CDD 320.60981
-----	---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O meio ambiente é o “*locus*” onde se desenvolve a vida na Terra. Resumidamente é a natureza com todos elementos que nela habitam/interagem e inclui os elementos vivos e não vivos que estão intimamente conectados com o planeta. O meio ambiente deveria ser foco prioritário de ações locais, regionais, nacionais e mesmo internacionais para a permanência de uma boa qualidade de suas características em prol das gerações futuras. A obra “Educação, Meio ambiente e Território” apresenta uma série de livros de publicação da Atena Editora. Em seu segundo volume, com 26 capítulos, enfatizamos a importância do ambiente e sua homeostase. Logo a exposição de experiências de como manejar produtos e subprodutos de origem animal, vegetal ou mineral; e seu posterior tratamento e avaliação de aspectos básicos são de fundamental importância para esse equilíbrio.

Para tanto primeiramente apresentamos experiências de reutilização de elementos para o estabelecimento de uma relação harmônica entre produtos manufaturados, sociedade e meio ambiente em via de diminuir custos de vida e favorecer o desenvolvimento sustentável. Em sequência há capítulos que destacam percepção ambiental “*in locu*” de comunidades ribeirinhas e aspectos físico-químico-biológicos de resíduos líquidos e sólidos que são negligenciados pelas diferentes esferas governamentais e que despejados em ambientes urbanos alteram o equilíbrio ambiental. Porém, esse equilíbrio (ou desequilíbrio) não está restrito ao local de despejo, mas também aos espaços não urbanos (rurais e florestais) adjacentes.

Finalizamos este volume com uma abordagem sobre a junção de pesquisas e a modernização da tecnologia compõem um contexto da gestão ambiental, gestão ambiental e tecnologia de alimentos, e, enfim, apresentação de parâmetros em nível de comunidade, destacando primeiramente os fitoplânctons, diatomáceas, e organismos dos reinos *Metaphyta* e *Metazoa*.

A organização deste volume destaca a importância do meio ambiente tanto para o entusiasta quanto para estudiosos de diferentes níveis educacionais, da educação básica ao superior, com intuito de formar personalidades cientes dos problemas ambientais atuais, com o caráter de orientar e capacitar para preservar e conservar as várias paisagens e comunidades que formam o meio ambiente. Por fim, esperamos que a crescente demanda por conceitos e saberes que possibilitam um estudo de melhoria no processo de gestão do ambiente aliada a necessidade de recursos e condições possa fortalecer o movimento ambiental, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores a prática de atividades relacionadas à Sustentabilidade que corroboram com a formação integral do cidadão. Ademais, esperamos que o conteúdo aqui presente possa contribuir com o conhecimento sobre o meio ambiente e com artífices ambientais para a sua preservação.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BENEFICIAMENTO DE PEÇAS CONFECCIONADAS EM JEANS PROCESSO E SUSTENTABILIDADE EM LAVANDERIAS DE CARUARU – PE	
Jacqueline da Silva Macêdo Andréa Fernanda de Santana Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4351921021	
CAPÍTULO 2	9
APROVEITAMENTO DA CASCA DA BANANA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM DOCE TIPO BRIGADEIRO	
Marilui Santos Dal’Mas Marian Silvana Licodiedoff	
DOI 10.22533/at.ed.4351921022	
CAPÍTULO 3	16
UTILIZAÇÃO DE CANECAS PERSONALIZADAS DE FIBRA DE COCO COMO PROPOSTA PARA REDUZIR O USO DE COPOS DESCARTÁVEIS NAS ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS DO BATALHÃO DE POLÍCIA AMBIENTAL DO PARÁ	
Antônio Rodrigues da Silva Júnior Ivon Gleidston Silva Nunes André Cutrim Carvalho Marilena Loureiro da Silva Emerson de Jesus Nascimento Siqueira Júlio Ildefonso Damasceno Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.4351921023	
CAPÍTULO 4	26
PRÁTICAS E PERCEPÇÕES DE FAMÍLIAS RIBEIRINHAS SOBRE RESÍDUOS DOMICILIARES E/OU COMERCIAIS PRODUZIDOS NAS ILHAS TEM-TEM, CACIRI, ILHA GRANDE E JUABA: NECESSIDADE DE COLETA E TRANSPORTE FLUVIAL	
Maria de Fátima Miranda Lopes de Carvalho Maria de Valdivia Norat Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.4351921024	
CAPÍTULO 5	50
PERCEPÇÃO DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA DA REGIÃO AMAZÔNICA BRASILEIRA	
Flávia Gonçalves Vasconcelos Fábio Fernandes Rodrigues Vivian da Silva Braz	
DOI 10.22533/at.ed.4351921025	
CAPÍTULO 6	65
ESTUDO DA REMOÇÃO DE COR DE EFLUENTE PROVENIENTE DE SERIGRAFIA EMPREGANDO PROCESSO DE ELETROCOAGULAÇÃO	
Luciano André Deitos Koslowski Edésio Luiz Simionatto Ana Flavia Costa Jonathan Davide de Abreu Dionivon Gonçalves Eduardo Müller dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4351921026	

CAPÍTULO 7 73

TRATAMENTO DE LIXIVIADO DE ATERRO SANITÁRIO EMPREGANDO INTEGRAÇÃO DOS SISTEMAS COAGULAÇÃO/FLOCULAÇÃO E PROCESSO FOTO-ELETRO-FENTON

Daiana Seibert
Fernando Henrique Borba
Alexandre Luiz Schäffer
Carlos Justen
Natan Kasper
Jonas Jean Inticher

DOI 10.22533/at.ed.4351921027

CAPÍTULO 8 83

ANÁLISES FÍSICO-QUÍMICAS DE ÓLEO RESIDUAL: UM PERFIL COMPARATIVO ENTRE TEMPO E FORMAS DE ARMAZENAMENTO DO MATERIAL, UMA BUSCA DE MELHORAR A QUALIDADE DO RESÍDUO

Manuele Lima dos Santos
Gyselle dos Santos Conceição
Davi do Socorro Barros Brasil
Nayara Maria Monteiro da Silva
Rafaela Oliveira Pinheiro

DOI 10.22533/at.ed.4351921028

CAPÍTULO 9 92

PROPRIEDADES DO CONCRETO FRESCO PRODUZIDO COM RESÍDUOS DE LOUÇA SANITÁRIA COMO AGREGADO

Diego Henrique de Almeida
Ana Cláudia Moraes do Lago
Rodolfo Henrique Freitas Grillo
Sylma Carvalho Maestrelli
Carolina Del Roveri

DOI 10.22533/at.ed.4351921029

CAPÍTULO 10 96

INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIOECONÔMICOS NA GERAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS DOMÉSTICOS NO DISTRITO FEDERAL

Mikaela Soares Silva Cardoso
Elimar Pinheiro do Nascimento
Izabel Cristina Bruno Bacellar Zaneti
Francisco Javier Contreras Pineda

DOI 10.22533/at.ed.43519210210

CAPÍTULO 11 104

PROJETO E IMPLANTAÇÃO DE UM LISÍMETRO EM ESCALA EXPERIMENTAL PARA ESTUDOS DOS RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS

Natália Miranda Goulart
Rafael César Bolleli Faria
Gilcimar Dalló
Luiz Flávio Reis Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.43519210211

CAPÍTULO 12	109
GESTÃO DE RESÍDUOS ELETROELETRÔNICOS: UMA ANÁLISE DO PANORAMA NO BRASIL	
Maria Amélia Zazycki	
DOI 10.22533/at.ed.43519210212	
CAPÍTULO 13	119
INTERVENÇÕES ESTRUTURAIS ADAPTADAS A ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS URBANOS – CASO PMRR DO GUARUJÁ	
Marcela Penha Pereira Guimarães	
Eduardo Soares de Macedo	
Fabrício Araújo Mirandola	
Alessandra Cristina Corsi	
DOI 10.22533/at.ed.43519210213	
CAPÍTULO 14	128
PLANO DE GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS HOSPITALARES	
Jéssica Stefanello Cadore	
Fernanda Cantoni	
Daniele Kunde	
Angelica Tasca	
Jessica de Oliveira Demarco	
DOI 10.22533/at.ed.43519210214	
CAPÍTULO 15	138
PROCESSO SAÚDE E DOENÇA E DETERMINANTES SOCIOAMBIENTAIS NO BAIRRO NOVO PARAÍSO, ANÁPOLIS – GO	
Gislene Corrêa Sousa de Aquino	
Giovana Galvão Tavares	
France de Aquino	
DOI 10.22533/at.ed.43519210215	
CAPÍTULO 16	150
AS INTERFACES ENTRE GESTÃO AMBIENTAL, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS	
Cadidja Coutinho	
Cisnara Pires Amaral	
Fernanda Saccomori	
DOI 10.22533/at.ed.43519210216	
CAPÍTULO 17	157
EROSÃO CULTURAL ALIMENTAR: A URBANIZAÇÃO DO RURAL E SUA INTERFERÊNCIA NAS CARACTERÍSTICAS DOS RESÍDUOS SÓLIDOS GERADOS EM ASSENTAMENTOS DE MARTINÓPOLIS, SP	
Márcia Carvalho Janini	
DOI 10.22533/at.ed.43519210217	
CAPÍTULO 18	171
GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA COM PIPA	
Stanislav Tairov	
Daniel Agnoletto	
Atílio Pinno Fetter	
DOI 10.22533/at.ed.43519210218	

CAPÍTULO 19 181

VARIAÇÃO ESPACIAL DO FITOPLÂNCTON DO RIO URIBOCA (BELÉM, PARÁ) DURANTE O PERÍODO DE MAIOR PRECIPITAÇÃO

Rubney da Silva Vaz

Aline Lemos Gomes

Celly Jenniffer da Silva Cunha

Samara Cristina Campelo Pinheiro

Vanessa Bandeira da Costa Tavares

Eliane Brabo de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.43519210219

CAPÍTULO 20 195

VARIAÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL DAS DIATOMÁCEAS DO RESERVATÓRIO DE BELÉM (LAGO BOLONHA)- PA

Paola Vitória Brito Pires

Aline Lemos Gomes

Celly Jenniffer da Silva Cunha

Samara Cristina Campelo Pinheiro

Eliane Brabo de Sousa

Vanessa Bandeira da Costa-Tavares

DOI 10.22533/at.ed.43519210220

CAPÍTULO 21 207

COMPARAÇÃO ANATÔMICA E DESCRIÇÃO DA DENSIDADE E MACROSCOPICIDADE DAS ESPÉCIES *Dipteryx alata* VOG. (CUMARU-VERMELHO) E *hymenaea courbaril* L. (JATOBÁ)

Welton dos Santos Barros

Ariel Barroso Monteiro

Daniel André Azevedo Souto

Jamily Moraes Costa

Marcela Gomes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.43519210221

CAPÍTULO 22 217

OBTENÇÃO DE FLOCULANTE VEGETAL CATIÔNICO A PARTIR DE TANINOS EXTRAÍDOS DOS RESÍDUOS SÓLIDOS DA PRODUÇÃO DE AÇAÍ NO ESTADO DO PARÁ

Márcio de Freitas Velasco

Davi do Socorro Barros Brasil

DOI 10.22533/at.ed.43519210222

CAPÍTULO 23 226

TEOR DE UMIDADE, DENSIDADE BÁSICA E VARIAÇÃO DIMENSIONAL DA MADEIRA DA ESPÉCIE DE *Vouacapoua Americana* AUBL

Nubia Ribeiro Maria

Maria Francinete Sousa Ferreira

Cinthia Manuella Pantoja Pereira

Bruna Maria da Silva Bastos

Mônica Trindade Abreu de Gusmão

Washington Olegário Vieira

DOI 10.22533/at.ed.43519210223

CAPÍTULO 24	235
THERMAL DECOMPOSITION OF FAST GROWING WOODY SPECIES WITH POTENTIAL FOR FIREWOOD PRODUCTION	
Júlio César Gonçalves de Souza Eyde Cristianne Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.43519210224	
CAPÍTULO 25	248
A EVOLUÇÃO DOS DIREITOS INERENTES AO BEM-ESTAR DOS ANIMAIS	
Thiago Alexandre de Oliveira Leite Jorge José Maria Neto	
DOI 10.22533/at.ed.43519210225	
CAPÍTULO 26	256
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E TEMPORAL DE GIRINOS EM CORPOS D'ÁGUA TEMPORÁRIOS EM UMA ÁREA DE CAATINGA DO ESTADO DA PARAÍBA	
Fernanda Rodrigues Meira Leonardo Lucas dos Santos Dantas Marcelo Nogueira de Carvalho Kokubum	
DOI 10.22533/at.ed.43519210226	
CAPÍTULO 27	272
COMPARATIVO ENTRE TENSOATIVOS ORGÂNICOS E INORGÂNICOS EM PROCESSO DE FLOTAÇÃO POR AR DISSOLVIDO UTILIZANDO EFLUENTE DE LAGOA DE ALTA TAXA PARA CULTIVO DE MICROALGAS (LAT) ALIMENTADA COM EFLUENTE SANITÁRIO	
José Carlos Alves Barroso Júnior Nestor Leonel Muñoz Hoyos Luiz Olinto Monteggia Eddie Francisco Gómez Barrantes Gabielli Harumi Yamashita	
DOI 10.22533/at.ed.43519210227	
SOBRE OS ORGANIZADORES	286

EROSÃO CULTURAL ALIMENTAR: A URBANIZAÇÃO DO RURAL E SUA INTERFERÊNCIA NAS CARACTERÍSTICAS DOS RESÍDUOS SÓLIDOS GERADOS EM ASSENTAMENTOS DE MARTINÓPOLIS, SP

Márcia Carvalho Janini

Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE),
Presidente Prudente – São Paulo

RESUMO: Os hábitos alimentares de uma população ou classe social, através de suas práticas alimentares e escolhas, formam suas identidades sociais. O comportamento atual das comunidades com a natureza, as práticas e os hábitos alimentares que provêm das mais diversas culturas e modos de vida está no foco das mudanças do mundo contemporâneo. Ao se perceber os rumos e a tendência da alimentação, nota-se o quão importante é compreender sua relação com a mudança das características dos resíduos sólidos e seus impactos no meio onde vivem. O meio rural não é mais um local de atividades exclusivamente agrícolas. Neste sentido, esta pesquisa analisou o processo de erosão cultural alimentar nos agricultores familiares do Assentamento Chico Castro Alves e do Assentamento Nova Vida, no município de Martinópolis, SP, e sua interferência nas características dos resíduos sólidos gerados no local. Foi utilizado o método hipotético-dedutivo, de caráter exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa e observação direta participante. Os dados foram obtidos através de entrevistas estruturadas e analisados utilizando a metodologia de análise

de conteúdo. Evidenciou-se a urbanização do rural, a dificuldade dos pais em manter os filhos no campo e a pouca atenção à saúde. Concluiu-se que houve mudança nos hábitos alimentares dos agricultores, na produção agropecuária e na geração de resíduos sólidos dessa população, caracterizando a erosão cultural alimentar. Demonstrou-se a necessidade de ações pontuais para a destinação adequada de resíduos no município, minimizando assim os efeitos negativos ao meio ambiente e proporcionar melhora da saúde dos agricultores e seus familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Pontal do Paranapanema, Erosão Cultural Alimentar, Resíduos Sólidos, Assentamentos.

ABSTRACT: The eating habits of a population or social class, through their eating practices and choices, form their social identities. The current behavior of communities with the nature, practices and eating habits that come from the most diverse cultures and ways of life is at center of changes in contemporary world. When notices the tendency of the food, notices how important it is to understand its relation with change of characteristics of solid residues and impacts in the environment. The rural environment isn't a place of exclusively agricultural activities. This research analyzed the food cultural erosion process in the family farmers of Chico Castro

Alves Settlement and Nova Vida Settlement, in municipality of Martinópolis, SP, and its interference in solid waste characteristics. Its used hypothetical-deductive method, exploratory-descriptive character, qualitative approach and direct observation with participation. Data were collected through interviews and analyzed using the content analysis methodology. Rural urbanization, parents' difficulty in keeping their children in the field and little health care were evidenced. It was concluded that there were changes in eating habits, agricultural production and in generation solid waste, characterizing food cultural erosion. It was demonstrated the need for actions to properly dispose of waste in the municipality, minimize the effects negative on environment and improve health of farmers and families.

KEYWORDS: Pontal do Paranapanema, Food Cultural Erosion, Solid Residues, Settlements.

1 | INTRODUÇÃO

A alimentação do ser humano sempre foi uma questão elementar visto que é a partir daí que se alcança energia para realizar as atividades diárias. Não é exagero dizer que alimentação é vida. Esta busca pela alimentação está diretamente vinculada com o ambiente onde cada população desenvolve seus sistemas de produção e de vivência. (VENTURINI et al, 2012).

A alimentação é estabelecida por aspectos sociais, ambientais, culturais, econômicos, nutricionais e políticos, não somente por ser fonte de energia para nutrição das células. Comer expressa a cultura de um grupo, sendo reflexo de uma ideologia e de relações de poder, a cultura alimentar (OLIVEIRA, 2009).

No entanto, contraditoriamente, se tem percebido o empobrecimento e simplificação na alimentação cotidiana. Está ocorrendo a diminuição do valor nutricional ingerido paralelamente com os produtos inclusos na dieta que afetam negativamente a saúde. Também se percebe a diminuição da diversidade dos alimentos presentes nas refeições (SILVEIRA, 2010; POLLAN, 2007).

A tendência para a agricultura de subsistência tem sido esquecida pelos agricultores em função da necessidade de obter uma renda que garanta a sobrevivência de sua família. Os agricultores que plantavam para o consumo e comercializavam o excedente têm seguido para uma produção voltada para o mercado, observado com frequência em assentamentos de reforma agrária (DIEZ GARCIA, 2003).

A Erosão Cultural Alimentar é caracterizada pelo abandono das práticas alimentares que formaram um patrimônio cultural, difundido de geração em geração, o qual acarreta o empobrecimento da dieta dos agricultores, relacionado com a redução da diversidade dos alimentos disponíveis e dependência, cada vez maior, da aquisição de alimentos no meio urbano para sua subsistência (BALEM; SILVEIRA, 2005).

Com isso compromete-se todo o equilíbrio do ambiente. Deixa-se de produzir

receitas caseiras para comprar produtos encontrados nas prateleiras dos mercados, mudando assim a cultura do agricultor familiar.

O meio rural não é mais um local onde se desenvolvem atividades exclusivamente agrícolas, urbanizou-se. Houve uma socialização dos bens de consumo e a população passou a ter acesso aos mais diversos produtos característicos das cidades, aumentando dessa maneira, a geração de resíduos (MARTINS; ANDRADE; PRATES, 2009).

Silveira et al. (2013), também vivenciaram a realidade do abandono de práticas alimentares tradicionais e da produção para o consumo, a adoção de uma alimentação industrializada e o empobrecimento da dieta das famílias rurais, num processo de urbanização dos hábitos e práticas alimentares.

Investigações sobre alimentação e cultura comportam diversas abordagens e enfoques que relacionam condutas alimentares sob os domínios da produção e comercialização de alimentos.

Tendo em vista a importância que estudos sobre esse tema no fortalecimento de políticas públicas, buscamos analisar o processo de Erosão Cultural Alimentar nos Assentamentos do município de Martinópolis, SP. É importante conhecer mais profundamente esses assentamentos para contribuir com o desenvolvimento, não só local como também da região do Pontal do Paranapanema, SP.

Para atingir esse objetivo, realizamos um levantamento bibliográfico sobre a temática abordada, coleta e análise de dados de fontes secundárias, como do IBGE (Censos agropecuários e Demográficos, etc.), Fundação ITESP, Ministério da Saúde, entre outros; e pesquisa de campo, com a aplicação de formulários semiestruturados a 32 agricultores familiares dos Assentamentos Chico Castro Alves e Nova Vida, no Município de Martinópolis, SP.

As discussões foram acerca da realidade vivenciada que circunda principalmente o abandono da produção para o consumo e de práticas alimentares tradicionais, a adoção de uma alimentação industrializada e a mudança das características dos resíduos sólidos dessa comunidade rural.

O presente artigo está estruturado, além desta introdução, das considerações finais e referências, em quatro partes. Na primeira parte foram abordados os aspectos relacionados à Erosão Cultural Alimentar. Na segunda parte se priorizou a abordagem da gestão e gerenciamento dos resíduos sólidos. A partir desse contexto, na terceira parte, caracterizamos o município de Martinópolis, Sp, inserido no Pontal do Paranapanema e, na quarta e última parte, apresentamos o perfil dos agricultores familiares desses assentamentos, bem como suas práticas alimentares e de produção.

2 | O PROCESSO DE EROÇÃO CULTURAL ALIMENTAR E A URBANIZAÇÃO DO RURAL

No decorrer de cada período histórico, a humanidade construiu saberes em torno dos alimentos a partir da observação e interação com a natureza. Dessa forma, o homem passou a modificar os ecossistemas, desenvolvendo técnicas para garantir produção necessária que fornecesse condições para sua reprodução social criando um sistema alimentar próprio. Assim garantia um equilíbrio entre homem, natureza e alimento (GARINE, 1995).

Com novas técnicas o homem pôde selecionar os alimentos a serem consumidos, revelando que alimentar-se não é somente fisiológico. A alimentação passou a mostrar a cultura de cada povo e, no decorrer da história, foi sendo associada às crenças, sensações, desejos, prazeres, afinidades e aversões (MATTA, 1986).

A cultura alimentar é formada pelas práticas e hábitos alimentares onde a tradição e a inovação têm a mesma importância. Isso quer dizer que a cultura alimentar não se refere apenas às raízes históricas, mas, também aos hábitos cotidianos, composto pelo que é tradicional e pelos novos hábitos que vão sendo adquiridos por um grupo social (MINTZ, 2000).

Entender como as pessoas e famílias rurais sentem essas mudanças e seus impactos no modo de viver, de comer e de trabalhar, faz com que compreendamos melhor a complexidade que envolve esse universo rural e o estudo dos hábitos alimentares (MENASCHE; MARQUES; ZANETTI, 2008).

Na sociedade rural, a interferência da mídia, a proximidade da cidade, o maior acesso às informações e às práticas urbanas, estão influenciando cada dia mais os hábitos alimentares do agricultor. A agricultura de subsistência está perdendo espaço para a agricultura voltada ao mercado, os alimentos industrializados “invadindo” as casas e empobrecendo a dieta dos agricultores familiares (BALEM; SILVEIRA, 2005).

Souza e Hardt (2002) observaram a ocorrência de uma transição no padrão alimentar no Brasil, resultante de modificações na estrutura da dieta dos indivíduos correlacionadas com as mudanças econômicas, sociais, demográficas e de saúde. Notaram também a preferência pela compra de gêneros alimentícios industrializados nos supermercados, tendência esta relacionada a mudanças no estilo de vida.

Outro fator que colaborou para a agudização desse modelo alimentar foi o processo de globalização. Entende-se este como um amplo processo de transformações sociais e econômicas, que alcança o setor alimentar e acarreta um processo crescente de homogeneização e de perda de diversidade cultural e alimentar (SOUSA SANTOS, 2005).

Os novos rumos da alimentação, o aumento do consumo de industrializados, que trazem consigo as embalagens, o descarte inadequado, o descaso do poder público, entre outros, são fatores que precisam ser urgentemente minimizados. Há que deva discutir essa questão como política, pois trata-se da destruição ou extermínio dos

recursos ambientais fundamentais para a vida humana (SEN, 2008).

No entanto, tem-se percebido o empobrecimento e simplificação na alimentação cotidiana dos agricultores familiares.

Por empobrecimento entende-se a diminuição do valor nutricional ingerido paralelamente com os itens inclusos na dieta que interferem negativamente na saúde, como conservantes, corantes e aromatizantes utilizados na industrialização de alimentos; do excesso de ingestão de ácidos graxos de cadeia longa e açúcares, ao passo que diminuem as fibras e minerais (SILVEIRA, 2010).

Por simplificação da dieta entende-se a diminuição da diversidade dos alimentos presentes nas refeições, a qual acontece pela padronização realizada pela indústria da alimentação (POLLAN, 2007).

Atualmente, as práticas alimentares não podem ser explicadas apenas pela lógica da produção ou das necessidades nutricionais. Sua análise requer ainda o estudo do conjunto de fatores que determinaram as alterações e a diversificação dos hábitos alimentares, ao longo do tempo, segundo as particularidades de cada localidade. O incentivo ao consumo da produção própria e local deve ser considerado à diversificação das criações e cultivos acessíveis nas propriedades, capacitando os agricultores e valorizando a educação, na produção e da alimentação (LUZZARDI; MAUCH, 2011).

A orientação para a agricultura de subsistência tem sido esquecida pelos agricultores em razão da necessidade de o agricultor ter uma renda que garanta ao menos a sobrevivência da sua família. Os rumos desses agricultores tem sido o mercado, plantando para o consumo e comercializando o excedente, observado em assentamentos de reforma agrária (SILVEIRA et al., 2013).

A maioria dos agricultores familiares reconstrói o ambiente rural mediante uma diversidade de atividades e combinando diversos saberes com os processos produtivos. Fazem uso da tecnologia e passam a consumir produtos e serviços apresentados pelas indústrias, como os alimentos industrializados (RUA, 2006).

Sob este aspecto, Pollan (2007) já dizia que o melhor jeito de combater os produtos alimentícios industrializados é simplesmente fazer com que os indivíduos se lembrem dos infinitos prazeres à mesa, vindos dos pratos tradicionais saboreados comumente.

Com as mudanças nos hábitos alimentares dos agricultores familiares ocorre também alteração das características dos resíduos sólidos gerados, que sem destinação final adequada, conseqüentemente poluem o meio ambiente.

3 | GESTÃO E GERENCIAMENTO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS

Para que haja uma melhor gestão dos recursos sólidos domiciliares nos municípios, fundamentalmente é preciso conhecer o que é gerado.

Para Gomes (1989, p. 46), “caracterizar o lixo de uma localidade, ou determinar a composição física dos resíduos produzidos por uma população, é uma tarefa árdua, mas de primordial importância para qualquer projeto na área de resíduos sólidos”.

A gestão integrada e sustentável dos resíduos sólidos contempla a diminuição da produção nas fontes geradoras, o reaproveitamento, a coleta seletiva com a inclusão dos catadores de materiais recicláveis e a reciclagem. O poder público municipal tem a responsabilidade de gerenciar os resíduos sólidos, da sua coleta até a sua disposição final, que deve ser segura ambientalmente.

O resíduo gerado e não coletado tem efeitos incalculáveis, com consequências diretas ou indiretas para a saúde pública. Provocam impactos socioambientais, tais como degradação do solo, comprometimento dos rios e mananciais, contribuição para a poluição do ar, proliferação de vetores de importância sanitária, enchentes, entre vários outros (JACOBI; BESEN, 2011).

No Brasil, como em outros países em desenvolvimento, muitos malefícios se somam à questão ambiental, provocados por falhas na gestão dos resíduos sólidos urbanos, como as doenças ocasionadas pela proliferação de vetores transmissores de doenças e a emissão indevida de gases de efeito estufa (MIRANDA et al., 2013).

Sobre as alternativas de disposição final do lixo, o aterro sanitário é o método que reúne os maiores prêmios, considerando a diminuição dos impactos causados pelo descarte dos resíduos sólidos urbanos (CONSONI; SILVA; GIMENEZ FILHO, 2000). Para Fresca (2007), a disposição final de resíduos, na forma de aterros sanitários, é tida adequada do ponto de vista sanitário, porém, sob o ponto de vista ambiental, existem restrições pelo fato de os materiais não serem reutilizados, significando desperdício de matérias-primas e de recursos naturais.

Já os lixões constituem uma forma imprópria de descarte, além do passivo contaminante para todas as futuras gerações, e de problemas e incômodos, como presença de vetores de doenças, depreciação da paisagem, formação de gás metano e degradação social de pessoas (CONSONI; SILVA; GIMENEZ FILHO, 2000).

Conforme dados da Pesquisa Nacional de Saneamento Básico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2008, apenas 27,7% das cidades brasileiras possuíam aterros sanitários, 22,5% tinham aterros controlados e 50,8% das cidades jogavam o lixo gerado em lixões.

O Estado de São Paulo foi o primeiro estado da nação a criar uma Política Estadual de Resíduos Sólidos, estabelecendo princípios e diretrizes para atuações e intervenções no segmento, que visam aglutinar problemas atuais da gestão integrada dos resíduos sólidos, além de instituir um elo com as políticas estaduais de saúde pública, de saneamento, de recursos hídricos e de meio ambiente (FRESCA, 2007).

A condição de gerenciamento dos resíduos nos faz refletir sobre a forma como, as sucessivas administrações públicas têm tratado as questões relacionadas aos resíduos sólidos nos municípios.

4 | MUNICÍPIO DE MARTINÓPOLIS, SP, NO CONTEXTO REGIONAL

O município de Martinópolis, situado no extremo oeste do Estado de São Paulo é integrante do Pontal do Paranapanema e da Unidade de Gerenciamento Hídrico do Pontal do Paranapanema (UGRHI-22). Com área de 1.252 Km², situa-se a 35 Km de Presidente Prudente e a 494 Km da capital, conforme localização aproximada na figura 1. As coordenadas geográficas de sua sede são: 22° 10' S e 51° 11' W.



Figura 1 - Localização do município de Martinópolis, SP.

Fonte: Adaptado de Abreu, 2006.

Em termos populacionais, o município possuía em 2010, 24.219 habitantes, sendo 84% residindo na zona urbana e 16% na zona rural (IBGE, 2010).

A economia apresenta como atividade principal a agropecuária e uma baixa atividade do setor industrial. A pecuária de corte é a que tem predominado atualmente. No entanto, essa preferência está cedendo espaço, para as lavouras de cana-de-açúcar. Há várias usinas de açúcar e álcool situadas em municípios vizinhos além de uma em Martinópolis, levando muitos proprietários de terras a trocar a criação de gado de corte e pela cana-de-açúcar. Algumas lavouras são cultivadas no município, como de milho, feijão e soja, mas sem expressão.

Martinópolis, SP, concentra dois assentamentos federais da reforma agrária, instituídos pelo INCRA em dezembro de 1995: o Assentamento Chico Castro Alves e Assentamento Nova Vida, que ocupam uma área de 2.357,25 ha e abrigam 124 lotes/famílias de agricultores familiares.

A Fundação Itesp é a instituição que tem prestado assistência técnica aos assentamentos do Incra, na região do Pontal.

Os assentamentos federais da reforma agrária em Martinópolis, SP, foram

divididos em lotes, através do parcelamento do tipo “quadrado burro”. Segundo Novaes e Paiva (2005), nesse modelo de divisão, os lotes são parcelados de forma igualitária no terreno e as casas ficam no interior do lote. É o modelo que o Incra adota, pois tem a vantagem de não precisar fazer estudos minuciosos dos terrenos parcelados, portanto diminuindo os custos e acelerando o processo de divisão dos lotes.

Esse tipo de parcelamento diminui a convivência entre os assentados, dificulta a organização social e aumenta o individualismo.

5 | O PERFIL DOS AGRICULTORES FAMILIARES DOS ASSENTAMENTOS DE MARTINÓPOLIS, SP, SUAS PRÁTICAS ALIMENTARES E DE PRODUÇÃO

Em relação aos agricultores assentados se verificou, através das entrevistas, que as 32 famílias eram proprietárias rurais, sendo que a extensão territorial das propriedades variavam de 4 a 18,2 ha e distavam 17 km da cidade. Encontramos 52% de pessoas do sexo masculino, percebendo um equilíbrio entre a população masculina e feminina.

A maioria dos agricultores (66%) reside nos assentamentos há mais de 18 anos, 69,7% têm idade acima de anos e, 91% dos titulares dos lotes, informaram ser analfabetos ou ter alfabetização incompleta.

Com relação à renda monetária dos agricultores familiares, 52% chegam de 1 a 3 salários mínimos e 48% entre 4 e 10 salários mínimos, composta não somente pelas atividades realizadas no lote, mas também por benefícios sociais, como aposentadoria e pensão.

Nos assentamentos pesquisados, verificou-se que 97% dos agricultores possuem carro, 44% moto e 9% caminhão. A presença marcante de veículos nos assentamentos estudados e a proximidade da cidade acabaram por modificar a rotina, urbanizar esses locais, trazendo uma grande influência para essas famílias.

Salami (2009), em estudo realizado no Estado de Santa Catarina, também evidenciou que a facilidade em se locomover e a proximidade da cidade fez com que o meio urbano estivesse mais integrado ao rural.

No processo de substituição da cultura do agro, ou seja, da agricultura familiar de subsistência, pelas referências tecnológicas e científicas do modelo agrícola implantado no país, o impacto atinge o meio rural, quando a mudança nas práticas e hábitos alimentares assume papel relevante (BALEM; SILVEIRA, 2005).

Constatou-se que as atividades agropecuárias (produção de leite e gado de corte; mandioca; hortaliças e cana) constituem –se nas principais fontes de renda dos agricultores entrevistados. Concluímos que, acompanhando a tendência nacional, os assentamentos estudados também mudaram suas práticas de produção. O que era antes cultivado (feijão, milho, café, entre outras culturas) cedeu espaço a produção

para comercialização.

A forma de obtenção dos alimentos para o consumo das famílias assentadas, conforme observado e relatado pelos agricultores durante as entrevistas, dá-se através da própria produção, pela troca de alimentos com os vizinhos e da compra nos supermercados e/ou feiras livres.

Os alimentos mais consumidos também foram os alimentos industrializados mais adquiridos fora dos assentamentos, considerando que “alimento industrializado é aquele que se apresenta enlatado, engarrafado ou empacotado” (OLIVEIRA; MALTA; LIMA FILHO, 2007). Verificou-se que 37,5% consumiam industrializados ao menos 1 vez ao dia e 18,7% 2 vezes por dia.

Nenhum deles produzia arroz ou feijão para o consumo familiar. As famílias preferiam se dedicar para produzir e/ou trabalhar em outras atividades mais rendosas.

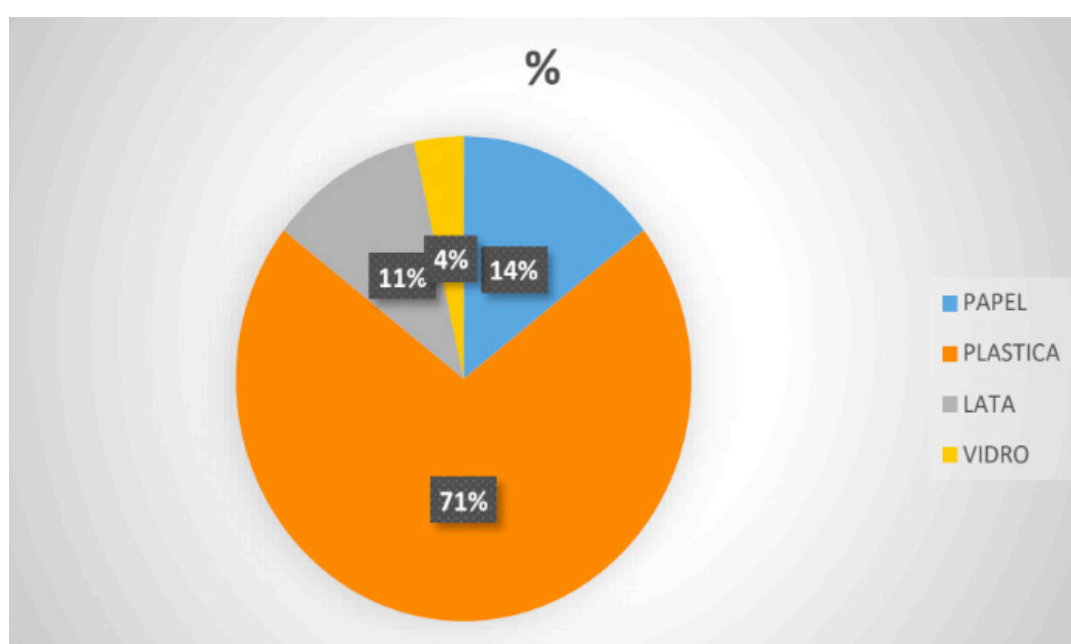


Figura 2 - Embalagens dos alimentos industrializados adquiridos pelas famílias assentadas no município de Martinópolis, SP, em porcentagem.

Org. da Autora, 2017.

Quanto às embalagens desses alimentos industrializados adquiridos, a plástica esteve presente em 71% dos produtos, embalagem de papel apareceu em 14,5%, as latas em 11% e as embalagens de vidro em apenas 3,5% dos produtos comprados, como demonstra a figura 2.

A dificuldade com a destinação final com os resíduos de vidro fez com que essa população evitasse adquirir produtos com essa embalagem.

Por outro lado, segundo o Guia Alimentar para a População Brasileira, do Ministério da Saúde (BRASIL, 2014), legumes, verduras e frutas são alimentos muito saudáveis e imprescindíveis para a saúde, sendo excelentes fontes de fibras, inúmeras vitaminas e minerais e, importantes para a prevenção de deficiências de micronutrientes, prevenção da obesidade e de doenças crônicas e alguns tipos de câncer. O baixo consumo de

frutas e hortaliças encontra-se no ranking dos dez relevantes fatores de risco de mortalidade global. A frequência do consumo de hortaliças e frutas, demonstrado na figura 3, era inadequado entre essas famílias entrevistadas, ficando bem abaixo do preconizado.

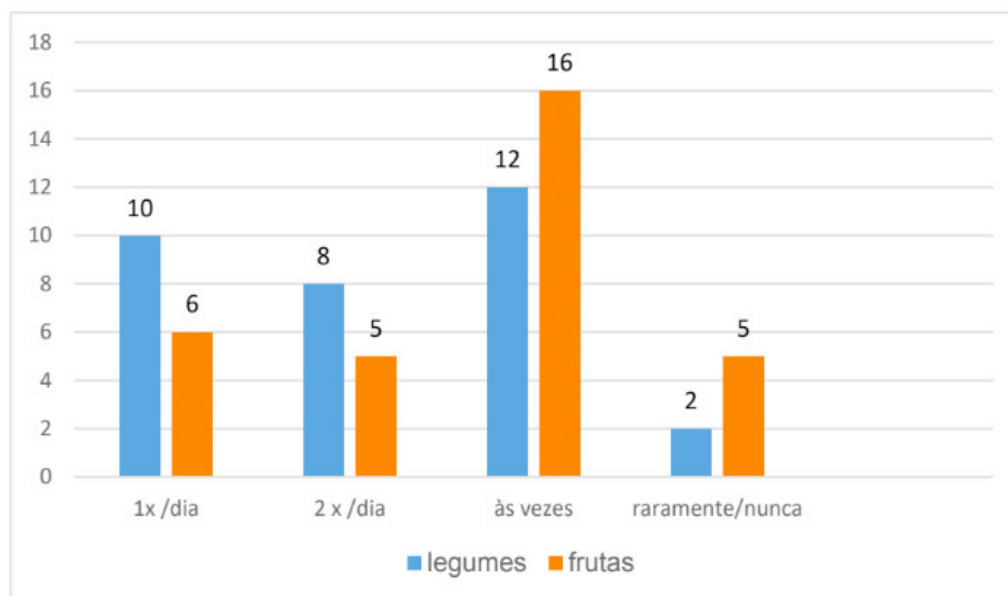


Figura 3 - Frequência do consumo de hortaliças e frutas no PA Chico Castro Alves e PA Nova Vida, em Martinópolis, SP.

Org. da Autora, 2017.

Segundo Fietz (2007), o aparecimento de doenças é favorecido por um ambiente não propício à produção de alimentos, pois desencadeia alterações na disponibilidade destes, conseqüentemente, no consumo e, obviamente, prejudica o estado de saúde.

Mudanças na alimentação foram percebidas por 60% famílias dos assentados, desde que estão nos lotes. Relataram que, o fator responsável por tais alterações, era a maior oferta de alimentos e o poder aquisitivo melhor que tinham no momento.

Em relação aos resíduos sólidos, nos assentamentos estudados, verificou-se que em 94% das residências os pais que recolhem os resíduos oriundos das atividades domésticas ou da produção. Após sua remoção, 56% dos agricultores acondicionam em sacos plásticos. Em 44% dos lotes, os resíduos ficam em latas destampadas ou sem qualquer acondicionamento, depositados a céu aberto nas proximidades das casas, até o destino final. São queimados por 87,5% das famílias ou enterrados, segundo 28% dos entrevistados. Essas práticas se dão pela inexistência de coleta de resíduos sólidos pelo Poder Público do município.

Os resultados de um estudo feito por Moraes (2007), sugeriram que tanto as ações de domínio doméstico, como o modo de acondicionamento domiciliar, quanto as ações de domínio público como o serviço de coleta dos resíduos sólidos domiciliares regular, favoreceram o controle da transmissão de doenças transmitidas por vetores, observado também que sempre há a interferência de outros fatores de risco.

Mudanças na produção dos lotes foram relatadas por 65% dos entrevistados. Pontuaram que após mudarem de ramo, deixando a cultura de subsistência e voltando a produção para o mercado, se encontravam em melhores condições financeiras. Quando chegaram ao assentamento, plantavam mandioca, milho, feijão, algodão, café, melancia e outras frutas, hoje trocadas pelo gado leiteiro e de corte, voltados para a comercialização.

A agricultura diversificada, com sistemas de cultivo e criação, processamento de produtos de origem animal e vegetal era a realidade dos assentamentos quando foram implantados. Em contraste, atualmente abandonaram a produção de alimentos e dependem, cada vez mais, da aquisição de gêneros alimentícios para compor sua alimentação diária. Em outras palavras, a necessidade de custear gastos com a aquisição de alimentos leva a uma simplificação alimentar (SILVEIRA, 2010).

Em suma, esse processo de simplificação da dieta, através do abandono da produção para subsistência, gera o que chamamos de Erosão Cultural Alimentar, empobrecendo a alimentação.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento do presente estudo, caracterizou-se a Erosão Cultural Alimentar e sua interferência na característica dos resíduos sólidos em assentamentos do município de Martinópolis, SP, no Pontal do Paranapanema.

Construiu-se um panorama geral sobre a realidade nos assentamentos, a alimentação dessas famílias, a geração de resíduos e seu destino final, a mudança ocorrida na produção dos lotes, nas atividades agropecuárias, enfim, verificou-se os hábitos e práticas cotidianos no ambiente em que estavam inseridos.

Constatou-se que a população rural está envelhecendo, devido ao rejuvenescimento do fluxo migratório rural, em busca de avanços nos estudos e outras formas de lazer, elencados pela mídia, presente a todo momento em todas as famílias.

A simplificação e empobrecimento da dieta, como também pelo abandono da agricultura de subsistência para uma agricultura/pecuária voltada ao mercado, causou impactos nos hábitos e práticas alimentares dessas famílias, o que chamamos de Erosão Cultural Alimentar. Além disso, a proximidade da zona urbana e facilidade de locomoção, fez com que as famílias adotassem hábitos urbanos contemporâneos.

Em suma, os novos hábitos alimentares adotados por essas famílias agricultoras, urbanizados, mudaram as características dos resíduos e estes, como não são recolhidos pela prefeitura, estão causando danos ao meio ambiente, além de atrair insetos e roedores.

A dificuldade com o destino final dos resíduos, fez com que preferencialmente optassem por adquirir produtos em embalagens plásticas, queimando-as e impactando o meio ambiente.

As reflexões não se esgotam com este trabalho, estimulam o estudo de métodos que resgatem a diversidade cultural alimentar, sempre buscando a qualidade do alimento, principalmente para a família rural, que está perdendo sua identidade através da forma urbanizada de se alimentar. Reflexões sobre as políticas públicas de educação ambiental e de gerenciamento dos resíduos sólidos também são instigadas com este estudo, haja vista que os resíduos gerados hoje na zona rural pouco, ou quase nada, se diferem dos da zona urbana.

Novos campos e novas abordagens sobre as políticas públicas, como propulsoras do desenvolvimento regional e local, devem ser considerados em estudos futuros, possibilitando compreender a realidade do Pontal do Paranapanema.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. L. **Map locator of São Paulo's Martinópolis city**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SaoPaulo_Municip_Martinopolis.svg>. Acesso em: 05 mai. 2016.

BALEM, T.; SILVEIRA, P. R. C. A Erosão cultural alimentar: processo de insegurança alimentar na agricultura familiar. In: **Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia Rural**. Porto Alegre, 2005.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2008**. Rio de Janeiro, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. Brasília, 2014.

CONSONI, A. J.; SILVA, I. C.; GIMENEZ FILHO, A. **Disposição final do lixo**: lixo municipal: manual de gerenciamento integrado. São Paulo: IPT, 2000. v. 2.

DIEZ GARCIA, R. W. Reflexos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre as mudanças na alimentação urbana. **Revista Nutrição**, v. 16, n. 4, 2003.

FIETZ, V. R. **Estado nutricional, consumo de alimentos e condições socioeconômicas das famílias de assentamento rural em Mato Grosso do Sul, Brasil**. 2007. Tese (Doutorado em Engenharia de Alimentos) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

FRESCA, F. R. C. **Estudo da geração de resíduos sólidos domiciliares no município de São Carlos, SP, a partir da caracterização física**. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Fundação Itesp**: sua história e realizações, evolução das políticas agrária e fundiária no Estado de São Paulo. São Paulo, 2013.

GARINE, I. Los aspectos socioculturales de La nutrición. In: CONTRERAS, J. **Alimentación y cultura**. Barcelona: La edició, Universitat de Barcelona, 1995.

GOMES, L. P. **Estudo da caracterização física e da biodegradabilidade dos resíduos sólidos urbanos em aterros sanitários**. 1989. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

JACOBI, P. R.; BESEN, G. R. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade. **Rev. Estudos avançados**, v. 25, n. 71, 2011.

- LUZZARDI, R. E. S.; MAUCH, C. R. A segurança alimentar e a especialização do fumo da agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul: um processo de erosão alimentar? **Santa Cruz do Sul: Redes**, v. 16, n. 1, p. 199-212, 2011.
- MARTINS, L.; ANDRADE, H.; PRATES, K. Diagnóstico quali-quantitativo dos resíduos sólidos domiciliares gerados no Assentamento Rural Luz, Luiziana/ Paraná. **Revista de Saúde e Biologia**, v. 4, n. 2, 2009.
- MATTA, R. Você tem cultura? In: **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- MENASCHE, R.; MARQUES, F. C.; ZANETTI, C. Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. **Revista Nutrição**, Campinas, 2008.
- MINTZ, S. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2000.
- MIRANDA, M. S. L. et al. Percepção de atores sociais responsáveis pela gestão de resíduos sólidos no contexto da dengue. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 26, n. 2, 2013.
- MORAES, L. R. S. Acondicionamento e coleta de resíduos domiciliares e impactos na saúde de crianças residentes em assentamentos periurbanos de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, 2007.
- NOVAES, L. A. D. A.; PAIVA, N. **A (RE) produção do espaço nos assentamentos do MST: as possibilidades inscritas no processo de divisão de glebas do acampamento Dois de Julho- MG**. [S.l.]: Unicentro, 2005.
- OLIVEIRA, N. R. F. **Sabores na história: um estudo a partir dos saberes e fazeres alimentares de agricultores familiares de Jaboticaba, RS**. 2009. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- OLIVEIRA, V. R.; MALTA, M. C. M.; LIMA FILHO, D. de O. Conceito de alimento natural e alimento industrializado: uma abordagem sociocomportamental. **Encontro nacional de engenharia de produção**, v. 27, 2007.
- POLLAN, M. **O dilema do onívoro: uma história natural de quatro refeições**. Tradução: Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.
- RUA, J. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, v. 1, n. 1, p. 95, 2006.
- SALAMI, A. L. **Hábitos alimentares de agricultores familiares de Abelardo Luz, SC**. 2009. Dissertação (Mestrado- Centro de Ciências Agrárias) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVEIRA, P. R. C. **Alimentos e bebidas orgânicas na comensalidade contemporânea: um estudo a partir dos processados orgânicos no Rio Grande do Sul – Brasil**. 2010. Tese (Doutorado) -Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- SILVEIRA, T. et al. A (re) construção das práticas alimentares em assentamentos de reforma agrária: O caso do assentamento Sepé Tiaraju, Capão do Cipó, RS. Erechim: **Perspectiva**, v. 37, n. 139, 2013.

SOUSA SANTOS, B. **A globalização e as ciências sociais**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SOUZA, M. D. C. A.; HARDT, P. P. Evolução dos hábitos alimentares no Brasil. **Revista Brasil Alimentos**, v. 15, p. 32-39, 2002.

VENTURINI, F. E. O. et al. A erosão cultural alimentar: do cultivo da horta à alimentação do indivíduo em comunidade. In: CONGRESSO DA SOBER, 50., 2012. Vitória. **Agricultura e desenvolvimento rural com sustentabilidade**. Vitória, ES: [s.n.], 2012.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Felipe Santana Machado



Felipe é professor de biologia, especialista em morfofisiologia animal e gestão ambiental, mestre em Ecologia Aplicada e doutor em Engenharia Florestal. Atualmente é professor efetivo de educação básica e tecnológica do Estado de Minas Gerais e apresenta vínculo funcional com o Programa de Pós Graduação em Engenharia Florestal (PPGEF) da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Além de lecionar, atua em estudos de conservação e manejo de animais silvestres, principalmente sobre a relação da vegetação com vertebrados terrestres. Sua experiência profissional gerou uma ampla gama de publicações técnicas e científicas que incluem artigos científicos em revistas nacionais e internacionais, bem como relatórios técnicos de avaliação de impactos ambientais. Participa do grupo de pesquisa CNPq “Diversidade, Sistemática e Biogeografia de Morcegos Neotropicais” como colaborador.

Aloysio Souza de Moura



Aloysio é Biólogo, mestre em Ecologia Florestal, pelo Departamento de Ciências Florestais (DCF) da Universidade Federal de Lavras (UFLA) com ênfase em Avifauna de fitofisionomias montanas. É observador e estudioso de aves desde 1990, e atualmente doutorando em Ecologia Florestal, pelo Departamento de Ciências Florestais (DCF) da Universidade Federal de Lavras (UFLA) tendo como foco aves e vegetações de altitude. Atua em levantamentos qualitativos e quantitativos de avifauna, diagnóstico de meio-biótico para elaborações de EIA-RIMA. Tem experiência nas áreas de Ecologia e Zoologia com ênfase em inventário de fauna, atuando principalmente nos seguintes temas: Avifauna, Cerrado, fragmentação florestal, diagnóstico ambiental, diversidade de fragmentos florestais urbanos e interação aves/plantas.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-143-5

